

Tasos e a pequena ilha de Thasopoula: questões de insularidade e conexões estratégicas no Norte do Egeu*

Thasos and the small island of Thasopoula: issues of insularity and strategic connections in the Northern Aegean

Juliana Figueira da Hora**

Resumo: Este artigo visa apresentar um estudo de caso da ilhota de Thasopoula, uma pequena ilha localizada no Norte do Egeu, próxima à ilha de Tasos. Desde o período arcaico, essa pequena ilha mantém uma forte conexão estratégica com a região do Norte do Egeu. Buscamos, por meio da análise dos vestígios materiais encontrados nos relatórios de escavação da ilhota, explorar questões relacionadas à dinâmica humana em ilhas de pequenas dimensões. Dessa maneira, procuramos problematizar os conceitos de não isolamento e a revelação de ilhas menos conhecidas, subordinadas ao domínio de ilhas maiores, utilizando os dados disponíveis. Para compreender a dinâmica local e regional das pequenas ilhas no Norte do Egeu, inserimos nossa discussão no âmbito das correntes teóricas emergentes no Mediterrâneo, especialmente aquelas que questionam o conceito de insularidade. A partir desses debates teóricos, observamos, em Thasopoula, a presença de elementos que sugerem uma conectividade e atividade intensa em níveis de interação não apenas local, mas também regional. Acreditamos que o fato de Thasopoula ser uma ilhota estrategicamente controlada lança luz sobre as áreas delimitadas pelos domínios de ilhas maiores, representando uma espécie de *koiné* regional para o controle de áreas estratégicas entre ilhas.

Abstract: This article aims to present a case study of the islet of Thasopoula, a small island located in the Northern Aegean, near the island of Tasos. Since the Archaic period, this small island has maintained a strong strategic connection with the Northern Aegean region. Through the analysis of material remains found in the excavation reports of the islet, we seek to explore issues related to human dynamics on small islands. In doing so, we aim to challenge the concepts of non-isolation and the revelation of lesser-known islands subordinate to larger ones, utilizing the available data. To comprehend the local and regional dynamics of small islands in the Northern Aegean, we place our discussion within the scope of emerging theoretical trends in the Mediterranean, especially those questioning the concept of insularity. Building upon these theoretical debates, we observe in Thasopoula the presence of elements suggestin connectivity and intense activity at levels of interaction not only local but also regional. We posit that the fact that Thasopoula is a strategically controlled islet sheds light on areas delineated by the dominion of larger islands, representing a kind of regional *koiné* for the control of strategic areas between islands.

Palavras-chave:

Thasopoula.
Insularidade.
Localismo.
Tasos.
Norte do Egeu.

Keywords:

Thasopoula.
Insularity.
Localism.
Tasos.
North Aegean.

Recebido em: 17/09/2023
Aprovado em: 29/10/2023

* Este artigo deriva-se da comunicação "The small Island of Thasopoula: Insularity and Strategic Connections in the Northern Aegean", apresentada e discutida no evento *Wedening Horizons*, em Kiel, Alemanha, 2021.

** Atualmente é professora do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA). Possui pós-doutorado em Arqueologia com ênfase em acervos museológicos e patrimônio cultural pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo, doutorado e mestrado pela mesma instituição e bacharelado e licenciatura em Letras pela USP. É pesquisadora associada do Laboratório de Estudos sobre Cidade Antiga (Labeca/MAE) e membro associada da *European Association of Archaeologists* (EAA), República Tcheca.

Insularidade e questões locais: identidades e contato no Mediterrâneo

Antes de adentrarmos nos objetivos e discussões específicas deste artigo, é crucial compreender os debates contemporâneos que influenciam a compreensão da insularidade e do localismo, uma vez que são fundamentais para entender a formação de identidades e contatos no Mediterrâneo.

Dentro da discussão de insularidade, reunimos uma gama de especialistas como Knapp (2007), Constantakopoulou (2007; 2017), Broodbank (2002), Hall (1998) Horden e Purcell (2000) e Cherry (2004), pois estes autores compreendem insularidade como um fenômeno identitário bem amplo. Broodbank (2002), por exemplo, tratou das dinâmicas insulares e da ideia de *islandscapes* nas Cíclades, ou combinação de terra e mar, e toda a discussão do termo *islander* para a compreensão de uma identidade marcada pelo modo de viver nas ilhas. Constantakopoulou (2017), por sua vez, acredita que a insularidade, para o caso do Egeu, se desenvolveu como um conceito nas fontes literárias. Sabemos que as pequenas ilhas do Egeu desempenharam um papel importante no desenvolvimento político ao longo do século V a.C., quando Atenas assumiu-se como uma potência. Assim, tornou-se necessário enfraquecer conceitualmente as ilhas para subjugar-las. De acordo com Constantakopoulou (2017, p. 16), é possível observar, nas fontes literárias e históricas, a descrição da ilha a partir de uma perspectiva claramente depreciativa, posta como fraca, pequena e propensa à subjugação.

Para Knapp (2007, p. 39), o escopo geográfico da ilha não a define, mas sim o seu largo alcance de compreensão, que vai além da dimensão social de espaços, como é o exemplo da *peraia*,¹ na sua relação regional. Considerando que a insularidade pode ser interpretada a partir de diversas perspectivas e que seu impacto é incorporado nas identidades culturais, ela torna-se um conceito aplicável, inclusive em oásis de deserto, entre outros casos (ERIKSEN, 1993). Desse modo, podemos entender questões insulares na *peraia* do Norte do Egeu em consonância com a questão local, que pode estar pautada no aparente isolamento das *apoikiai* do continente,² como ilhas em montanhas. Segundo Constantakopoulou (2007, p. 200), pequenas ilhas como Libeia, Heteréia, a poucos quilômetros da ilha de Melos, predominaram as atividades de pastoreio, com uso da transumância, um tipo de prática pastoral que envolve o movimento sazonal de rebanhos

¹ *Peraia*, *peraea* ou *peræa* (do grego antigo singular: περαιά) era a possessão continental por um estado insular.

² *Apoikía*, em grego ἀποικία, refere-se aos assentamentos gregos ao longo do Mediterrâneo e Mar Negro entre os séculos IX e V a.C. As *apoikias* mantinham relação religiosa e moral com as cidades que as haviam fundado, mas eram completamente independentes do ponto de vista político e econômico. O termo *apoikía* veio substituir o errôneo emprego do termo "colônia", que carregava um forte sentido moderno que inexistia na Antiguidade. Retirado de glossário Labeca: <<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary>>.

de animais, como ovelhas, cabras, ou gado, entre pastagens de verão e inverno. Tal tradição era muito comum na Antiguidade e ainda é utilizada em algumas regiões do mundo para otimizar o uso dos recursos naturais e garantir a sustentabilidade da atividade pastoral.

As pequenas ilhas antigas eram usadas como uma espécie de *khóra*, o que as transformava em locais de extensão das ilhas maiores, ou parte das grandes ilhas. O intercâmbio entre ilhas é um aspecto importante para a compreensão do fenômeno insular, mas, na perspectiva de Constantakopoulou (2007, p. 200), a determinação geográfica como proximidade não foi o único fator de impacto para a dominação de ilhas grandes sobre ilhas pequenas. Kolodny (1973, p. 19-25) argumenta que a proximidade geográfica era um fator secundário, ou seja, as relações políticas eram mais determinantes no processo de conexões e/ou dominação. Ademais, a atividade comercial e o intercâmbio entre as ilhas são aspectos importantes a serem levados em consideração para análise da interação insular.

Na primeira década do século XXI, Broodbank (2002) redefine o termo insularidade e nos provoca a repensar e a remodelar o processo consciente de identidades e mundos criados no Mediterrâneo. No caso das pequenas ilhas, que, por muito tempo, foram relegadas a locais de passagem e pastoreio, questiona-se a tendência em pensá-las a partir do isolamento sazonal. A partir dos dados levantados e estudos sobre as relações de conectividade das ilhas, é possível observar que as ilhotas possuíam um protagonismo e uma importância temporal para além do isolamento. A materialidade evidencia processos sociais vividos, fortificações de importância estratégica e áreas importantes de pastoreio de cabras. Para as grandes ilhas, esse domínio era estratégico e crucial, e sem as bases de extensão não seria possível se desenvolverem como potências de conexões no Egeu.

O conceito de insularidade e identidade no período arcaico deve, portanto, ser pensado a partir de perguntas como: o que significa ser uma ilha, no sentido mais amplo do termo? Como a insularidade moldou a identidade étnica, cultural e social no Mediterrâneo no período arcaico? Como as ilhas e continente estavam conectadas? As integrações entre as ilhas produziram cultos, hábitos específicos e hibridizações que marcaram uma mudança intencional nas práticas locais? Havia identidades específicas nas pequenas ilhas? Elas se assemelham às grandes ilhas que as dominaram ou se assemelham entre si? As pequenas ilhas faziam parte de um cordão de contatos, uma espécie de uma *koiné* regional? Qual seria o impacto social das populações que viviam em ilhotas? A materialidade pode nos dizer algo sobre processos identitários?

Para Kouromenos e Gordon (2020), é necessário experimentar o processo de mudança cultural condicionado pela insularidade, sobretudo por meio da lente global. A combinação que Broodbank (2002) propõe para o Mediterrâneo, por exemplo, é provocativa na medida em que se entende que o plano de interações humanas cria lugares centrais

que estabelecem novas conexões entre eles e que as condições dos locais mudam em conformidade com a dinâmica corrente. De acordo com Hodos (2010, p. 4), tais mudanças ocorriam em diferentes escalas e aquelas de caráter ambiental, sejam de ilhas ou continentes, desenvolveram práticas sociais em resposta. Essa interdependência, para o autor, teria dominado a dinâmica do Mediterrâneo, em escala global, na longa duração.

Diante das diferentes escalas e respostas de práticas sociais, sob a lógica global, é preciso observar a vida insular dentro das estruturas globais. Assim, o conceito de globalização torna-se pertinente. A definição de globalização apresentada por Kouromenos e Gordon (2020), por exemplo, envolve regiões conectadas e seus povos de maneira interdependente, resultando em novas formas de consciência social e, por consequência, novas materialidades e mudanças extraídas do conjunto de dados de cultura material. Por essa perspectiva, a mudança social teria se manifestado nas comunidades insulares e a interação local e global não seria exclusiva, ao invés disso, as percepções de ilhéus demonstrariam espectros ondulantes de conexão em meio às relações mais complexas, pluralistas e amplas.

Barnett e Ugarković (2020), por sua vez, analisam os efeitos da globalização nas comunidades costeiras insulares no arquipélago da Dalmácia, na Idade do Ferro. Os autores constataram, a partir de evidências materiais, que essas comunidades atuaram como nós intermediários entre o interior da Dalmácia e a região comercial do Adriático, entre os séculos V e I a.C., a partir dos interesses econômicos e políticos gregos e, posteriormente, romanos. Os vestígios materiais de comunidades insulares indicam a ativa participação destas no processo, mas apesar de altamente conectadas e das evidentes trocas, as escolhas para definição de suas identidades culturais se diferem e marcam uma diferença no processo. Por uma perspectiva semelhante, Gordon e Caraher avaliam as mudanças na cultura material em período romano inicial e tardio, a partir de maior conectividade com influências extra-ilha. Os autores argumentam que, embora os cipriotas, neste momento, tenham abraçado as ideias globalizantes, eles absorveram seletivamente e expressaram os efeitos de forma muito idiossincrática e local.

Para concluir o debate apresentado até este ponto, recorreremos às contribuições de Morris (2005, p. 49-51). Enquadrado dentro das discussões sobre globalização, o autor explora o conceito de *mediterraneização*, destacando o amplo movimento de pessoas, a interconexão de culturas, os novos significados e modelos que têm na conectividade e mobilidade os fundamentos do Mediterrâneo. Horden e Purcell (2000), por sua vez, veem o Mediterrâneo como uma diáspora caleidoscópica em constante mudança na trama dessa massa emaranhada de origens étnicas. É cada vez mais latente, nos dados e nos estudos recentes, que é preciso maximizar a lupa conceitual no Mediterrâneo, algo como

um caleidoscópio conceitual, não como um movimento escalar unilateral do micro para o macro, mas em um movimento dialético dos fenômenos.

Com base nas discussões e contribuições apresentadas acima, acreditamos que é cabível analisarmos o nosso estudo de caso, a ilha de Thasopoula, a partir do ponto de vista dos estudos insulares e da globalização, na medida em que a região da Trácia, a Norte do Egeu, é um exemplo de dinâmica de contatos entre gregos e povos locais. A região possui indícios de uma *pólis* já no século VII a.C., com uma área urbana configurada, uma *khóra* delimitada e muito material de contato,³ como foi constatado pelas diversas escavações realizadas por equipes francesas e norte-americanas desde o início do século XIX.

Cumpramos destacar que a Trácia foi uma importante rota de migrações pretéritas entre Ásia e Europa. Um local atrativo para diversos povos com terras cultiváveis e minas de ouro em um litoral delineado de forma a favorecer o contato entre as ilhas e continente. No Brasil, temos poucas pesquisas arqueológicas sobre esta região no período arcaico grego. Esta flagrante ausência nos permite contribuir com os estudos de História Antiga no país, por um lado, e com a Arqueologia Mediterrânea, por outro, agregando conhecimento e, de forma transversal, ampliando as pesquisas sobre contatos em diversas regiões do Mediterrâneo antigo. Entendemos também que, pelo fato de vivermos no Brasil, com problemas e vivências muito particulares, inclusive de cunho colonial, possamos oferecer subsídios para a atual discussão sobre as relações de contatos, relações identitárias, religião, observando os aspectos locais e suas interrelações com as hiperconectividades inter-regionais.

Dito isso, apresentaremos a seguir o estudo de caso de Thasopoula, ilhota que, desde o período arcaico, mantinha uma forte conexão estratégica com a região do Norte do Egeu. Mediante a análise dos vestígios materiais encontrados nos relatórios de escavação do sítio arqueológico da ilha, buscamos explorar questões relacionadas à dinâmica social em ilhas de pequenas dimensões e problematizar os conceitos de não isolamento e a relação de ilhas menos conhecidas com ilhas maiores, a exemplo de Thasopoula e Tarsos.

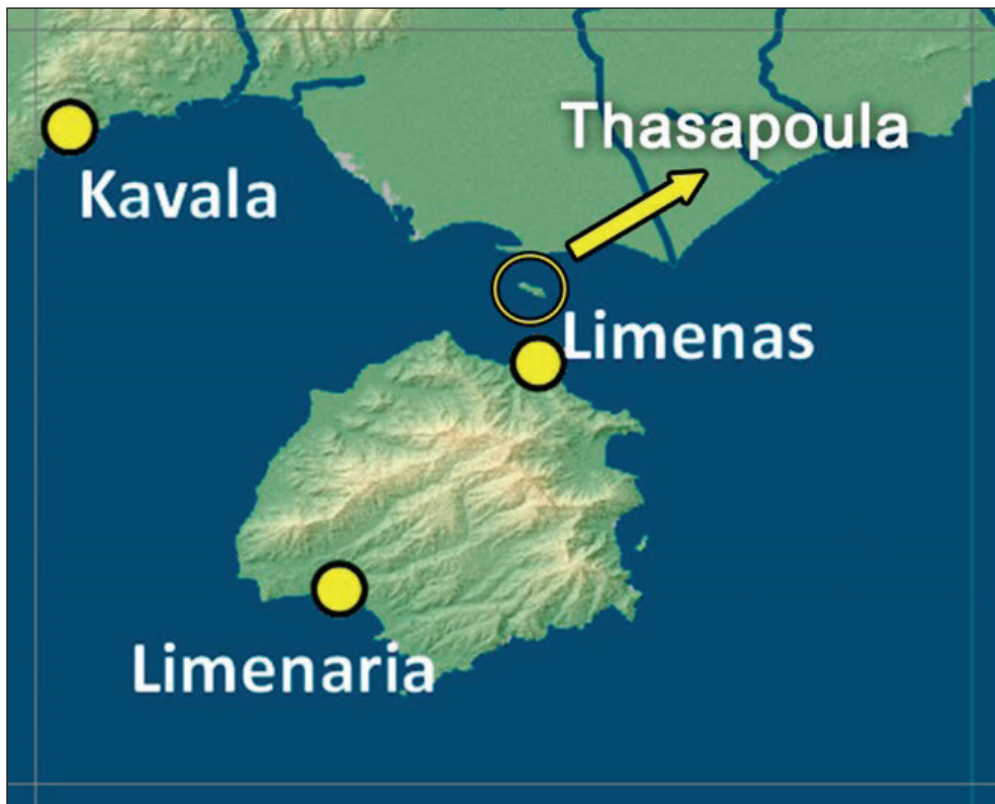
Tasos e a pequena ilha de Thasopoula

A ilha de Thasopoula localiza-se a 60 quilômetros de Limenaria (SO de Tasos e o continente Trácio, como podemos ver nas Figuras 1 e 2:

³ Entende-se por *khóra* o território apenso aos núcleos urbanos das várias *pólis* gregas (*ásty*); a hinterlândia rural controlada por uma *pólis* ou, ao menos, sujeita à expectativa de controle por uma.

Figura 1 - Ilha de Thasopoula

Fonte: Fotografia aérea. Free Digital Photo collection. Area: 72 ha/ 0,72 km².

Figura 2 - Mapa com a localização da ilha de Thasopoula

A ilha de Thasopoula está entre Tasos (Limenas) e Keramoti (Trácia continental) Fonte: Rodrigo Lima (2018).

Os estudos sobre Thasopoula ainda são incipientes, mas é possível levantar indagações sobre a dinâmica insular no Mediterrâneo a partir dos dados arqueológicos recuperados pela Escola Francesa de Atenas (EFA). Tasos é uma *pólis* de tamanho e importância continental, que se estende desde *khóra* até *Limnai* (HORA, 2022, p. 8). Como observamos na Figura 3, é uma ilha de grande extensão, localizada no Norte do Egeu.

Figura 3 - Mapa do Norte do Egeu com as ilhas de Tasos, Samotrácia e Lemos em destaque



Fonte: Rodrigo Lima (2018).

Em se tratando de controle de suas fundações regionais, sejam elas no continente ou em pequenas ilhas no entorno, a proximidade de Tasos com o continente trácio e a estreita relação com a sua *peraia* são bastante estratégicas (GRANDJEAN; SALVIAT, 2000). A ilha encontra-se numa posição privilegiada no Norte do Egeu (Figura 4), situada entre rotas marítimas muito utilizadas na Antiguidade, tanto de Leste a Oeste como de Norte a Sul do Mediterrâneo (GRANDJEAN; SALVIAT, 2000, p. 16).

Da mesma forma, poderia a ilha de Thasopoula também ser uma extensão da *khóra* de Tasos? Sua função era apenas um centro comercial? Ou uma fortificação que serviu de centro de comunicação entre navios? Qual seria o impacto das relações humanas na ilha se pensarmos nas ligações insulares no Norte do Egeu? Estas são algumas das reflexões que serão apresentadas com base nos vestígios materiais e na sua relevância contextual.

Figura 4 - Mapa de Tasos, Norte do Egeu



Fonte: Rodrigo Lima (2018).

Ilha de Thasopoula: dados levantados

A ilha de Thasopoula, segundo os dados publicados no *Bulletin de Correspondance Hellenique* (BCH, 2009), possui vestígios de ocupação de permanências e abandonos. De acordo com a documentação das primeiras explorações francesas na região, que remonta a 1911, sabemos que o arqueólogo Adolphe Joseph Reinach já havia mencionado, numa nota, a ilha de Thasopoula. Ele a descreveu brevemente, citando alguns aspectos da vegetação e restos materiais que ali existiam, como destroços de casas e também de uma torre circular (KOZELJ; WURCH-KOZELJ, 2009, p. 543, n. 2).

A ilha de Thasopoula não é habitada atualmente, mas lá ainda existe a ocorrência de atividade pastoril, com destaque para a transumância de cabras, além da pesca e recolha de mexilhões e ouriços perto da costa, o que reforça a utilização da terra como extensão da *khóra* de Tasos no passado e na atualidade (KOZELJ; WURCH-KOZELJ, 2009, p. 559, nota 21).

A temporada de limpeza e levantamento de dados arqueológicos feitos pelos pesquisadores da EFA, em 2009, trouxe alguns marcadores cronológicos importantes, os quais corroboram algumas das menções de Reinach. Os dados apontam que há três

merlões antropomórficos que podem ter sido de uma construção defensiva arcaica,⁴ além de vários blocos revestidos que também confirmam a existência de uma torre circular. Na área limpa, foi recolhida uma grande quantidade de materiais, o que nos permite pensar nas diferentes fases de ocupação da ilha (KOZELJ; WURCH-KOZELJ, 2009, p. 543).

Outros elementos, como restos de construção, muros baixos, áreas com concentração de cerâmica, setores de mineração de mármore, entre outros, também foram identificados e confirmam a presença de atividades humanas intensas em diferentes camadas cronológicas na ilha, especialmente nos seguintes períodos: arcaico, clássico, helenístico, romano e bizantino (KOZELJ; WURCH-KOZELJ, 2009, p. 544-557).

Os dados da atividade de limpeza e as observações efetuadas durante a exploração da ilha permitiram, em primeiro lugar, precisar a localização da torre circular no topo da colina, construída no período arcaico. A sua construção original foi confirmada graças aos blocos e merlões encontrados no local. As reconstruções gráficas da torre permitiram compreender uma lógica geográfica nos movimentos dos navios, que apontaram coordenadas a Leste da Samotrácia e a Oeste de Oasyme, e a Norte da costa da Trácia até Maronea, a Sul da costa de Tasos, do cabo Phanari ao cabo Akrotiri. Além disso, a estrutura desempenhava também funções de prevenção/vigilância e de comunicação com outras torres da região, formando um sistema defensivo (KOZELJ; WURCH-KOZELJ, 2009, p. 558).

A referida torre esteve em utilização durante muito tempo, a julgar pela presença de fragmentos de cerâmica datados dos séculos V e IV a.C. e pelos diferentes tipos de telhas cuja presença sugere modificações arquitetônicas ao longo dos anos, com aparentes diferentes reconstruções na cobertura (KOZELJ; WURCH-KOZELJ, 2009, p. 558).

Algumas questões importantes podem ser levantadas a partir dos dados obtidos, como, por exemplo, na prática, qual seria a real função dos merlões e da torre circular? Os fragmentos de cerâmica fazem parte de ocupações sazonais ou permanentes em um espaço de tempo específico? A transumância é uma prática presente na vida dos habitantes de ilhas pequenas, mas para este contexto, qual o peso de ser uma extensão da *khóra* de Tasos nas atividades pastoreias em Thasopoula? Com o avanço das pesquisas e estudos mais aprofundados, será possível conjecturar com mais profundidade as relações

⁴ O termo merlão tem origem no francês *merlon*, sendo adaptada do italiano *merlone*, possivelmente uma forma abreviada de *mergola*, conectada ao latim *mergae* (garfo de feno), ou derivada de *moerulus*, um diminutivo de *murus* ou *moerus*. Em arquitetura militar, é a parte saliente do parapeito de uma fortificação, entre duas seteiras ou ameias. Refere-se a cada um dos intervalos dentados das ameias de uma fortaleza (BUCHER, 1996).

entre a materialidade encontrada e o entendimento das práticas e vivências nas ilhotas do Mediterrâneo.

As pequenas ilhas e as suas conexões: insularidade e não isolamento

Acreditamos que um estudo aprofundado dos materiais arqueológicos encontrados na torre nos permitirá compreender a continuidade, a ruptura, as relações econômicas e estratégicas, bem como a intensidade das ligações e da presença humana em Thasopoula. A partir do levantamento arqueológico realizado em 2009 pelos arqueólogos e arquitetos da EFA, Tony Kozelj e Manoela Kozelj, foi possível observar um horizonte importante na interação de ilhas menores que, com um aprofundamento adequado, possibilitará uma melhor compreensão das relações insulares, dos graus de contato entre ilhas e continente, e entre a ilha de Tasos e Thasopoula. Para esta última, será possível sair da invisibilidade provocada pelas grandes ilhas, além de provocar reflexões sobre a insularidade e o seu não isolamento.

Os dados apresentados ajudam-nos a pensar caminhos metodológicos e teóricos relacionados com a interação ambiental e cultural de comunidades que viveram em pequenas ilhas dominadas por grandes ilhas no passado. A Arqueologia, a partir das novas abordagens teóricas e metodológicas para o Mediterrâneo, está a trazer à luz uma dinâmica muito mais complexa para as ilhas, a do não isolamento e da limitação geográfica dos conjuntos insulares. É possível propor uma forma alternativa de explorar uma série de definições, conceitos, significados e, por vezes, a polissemia de mundos insulares em uma perspectiva local, recorrendo sobretudo a dados arqueológicos, que obviamente necessitam de aprofundamento, bem como informações provenientes de fontes literárias gregas da Antiguidade.

Convém recordar que, segundo Christy Constantakopoulou (2017, p. 2), o conceito de insularidade tem dois aspectos principais: por um lado, pode ser entendido como uma expressão de conectividade e, por outro, como uma indicação de isolamento. Em outras palavras, as ilhas eram entendidas como mundos distintos e fechados, locais ideais para o extraordinário e o bizarro, mas ao mesmo tempo eram percebidas como partes de uma realidade complexa de interação no Mar Egeu. Ambos os aspectos da insularidade e da vida insular foram importantes e estão adequadamente atestados. Para Constantakopoulou (2017), as imagens mutáveis da insularidade e da história do mundo Egeu e das suas ilhas trouxeram a ênfase na integração em vez do isolamento. Broodbank (2002), por sua vez, defende que a insularidade nos faz repensar e remodelar o processo consciente de identidades e mundos criados no Mediterrâneo.

Se enxergarmos as pequenas ilhas como extensões da *khóra* das grandes ilhas e/ou continentes em termos territoriais, tendemos a pensar que os aspectos culturais e sociais sofrem transformações que acompanham os movimentos desta relação. A ilhota de Thasopoula, de acordo com a cultura material, teve um longo período de ocupação, que pode ter sido permanente ou não. A dinâmica de pessoas e coisas que traçaram alguns perfis importantes de conexão deixaram rastros de um legado de não isolamento ou, mais precisamente, de um não abandono. Kouromenos e Gordon (2020), em suas análises, atestam que as mudanças que se manifestaram nas comunidades insulares com a interação local, regional e global, podem ter sido mais amplas.

No caso do Norte do Egeu, Constantakopoulou (2017, p. 177) chama a atenção para as pequenas ilhas e para a relação entre elas e as grandes ilhas em vários aspectos, como dominação, interação e hierarquia de territórios dentro do Egeu – em forma de minirredes de comunicação. Nesse sentido, podemos mencionar a elevação topográfica e a visibilidade da torre em Thasopoula, permitindo o controle das ilhas pequenas e das regiões fronteiriças.

Considerações finais

Os debates atuais sobre o conceito de insularidade têm fornecido subsídios para compreendermos ainda mais a região do Egeu. Assim, neste contexto, o entendimento dos objetivos estratégicos das grandes ilhas e do seu interesse em controlar pequenas ilhas em diferentes períodos sofre cada vez mais uma revisão conceitual e historiográfica. A hipótese de que Thasopoula seja um *khóra* de Tasos talvez seja verdadeira, pois há evidências de uso da terra para produção até os dias atuais. Contudo, argumentar a favor desta hipótese não foi o objetivo principal deste artigo, pois vimos que em Thasopoula, a presença da torre de controle trouxe elementos que permitem inferir sobre a conectividade e intensa atividade num nível de interação não apenas local, mas, regional. O fato de Thasopoula ser uma ilhota de controle estratégico pode trazer luz a algumas considerações relativas às zonas delimitadas pelos domínios de grandes ilhas, uma espécie de *koiné* regional de controle de áreas estratégicas entre ilhas.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo apoio Institucional, Bolsa Produtividade PQ2, número de processo: 302696/2022-9.

Referências

- BARNETT, C.; UGARKOVIĆ, M. Globalization processes and insularity on the Dalmatian islands in the Late Iron Age. In: KOUREMENOS, A.; GORDON, J. M. (ed.). *Mediterranean archaeologies of insularity in an Age of Globalization*. Oxford: Oxbow Books, 2020, p. 89-122.
- BON, A. Les ruines antiques dans l'île de Thasos et en particulier les tours helléniques. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, v. 54, p. 147-194, 1930.
- BRANCO, J. F. Antropologia e a insularidade madeirense: alguns parâmetros. In: FRANCO, J. E.; TRINDADE, C. (coord.). *Que saber(es) para o século XXI? História, cultura e ciência na Madeira*. Lisboa: Esfera do Caos, 2014, p. 95-107.
- BROODBANK, C. *An island archaeology of the early Cyclades*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BUCHER, W. *Dictionary of building preservation*. Hoboken: Wiley-Interscience, 1996.
- CHERRY, J. F. Mediterranean Island prehistory: what's different and what's new. In: FITZPATRICK, S. M. (ed.). *Voyages of discovery: the archaeology of islands*. New York; London: Praeger, 2004, p. 233-248.
- CONSTANTAKOPOULOU, C. *The dance of the islands: insularity, networks, the Athenian Empire, and the Aegean world*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- CONSTANTAKOPOULOU, C. *Aegean interactions: Delos and its networks in the third century*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- ERIKSEN, T. H. In which sense do cultural islands exist? *Social Anthropology/Anthropologie Sociale*, v. 1, n. 1b, p. 133-147, 1993.
- GORDON, J. M.; CARAHER, W. R. From the Land of the Paphian Aphrodite to the busy Christian countryside: globalization, empire, and insularity in Early and Late Roman Cyprus. In: KOUREMENOS, A.; GORDON, J. M. (ed.). *Mediterranean archaeologies of insularity in an Age of Globalization*. Oxford: Oxbow books, 2020, p. 237-274.
- GRANDJEAN, Y.; SALVIAT, F. *Guide de Thasos*. Athènes: École Française d'Athènes, 2000. v. 3.
- HALL, J. M. Ethnic identity in Greek antiquity. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 8, n. 2, p. 265-283, 1998.
- HODOS, T. (ed.). *Material culture and social identities in Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- HORA, J. F. da. The apotropaic and prophylactic in the Artemision of Thassos: a contextual interpretation of the black-figure pottery from the Archaic period. *Archai*, v. 32, 2022.

- HORDEN, P.; PURCELL, N. *The corrupted sea: a study of Mediterranean history*. Oxford: Blackwell, 2000.
- KNAPP, A. B. Insularity and island identity in the prehistoric Mediterranean. In: ANTONIADOU, S.; PACE, K. (ed.). *Mediterranean crossroads*. Athens: The Pierides Foundation, 2007, p. 37-62.
- KOLODNY, E. Un îlot en Egée: Donoussa. *Méditerranée*, n. 2, p. 19-25, 1973.
- KOUREMENOS, A.; DIERKSMEIER, L. Teaching insularity: archaeological and historical perspectives. *Shima*, v. 14, n. 1, p. 284-297, 2020.
- KOUREMENOS, A.; GORDON, J. M. (ed.). *Mediterranean archaeologies of insularity in an Age of Globalization*. Oxford: Oxbow Books, 2020.
- KOZELJ, T.; WURCH-KOZELJ, M. Thasopoula. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, v. 133, n. 2, p. 543-559, 2009.
- MORRIS, I. Mediterraneanization. In: MALKIN, I. (ed.). *Mediterranean paradigms and Classical Antiquity*. New York: Routledge, 2005, p. 30-55.
- TIVERIOS, M. A. Greek colonisation of the Northern Aegean. In: TSETSKHLADZE, G. R. (ed.). *Greek colonisation: an account of Greek colonies and other settlements overseas*. Leiden: Brill, 2008, p. 1-154. v. 2.